26º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação
A Amazônia na sociedade global em rede: assimetrias e potencialidades informacionais, tecnológicas e ambientais
Belém, Pará, 09 a 13 de novembro de 2026
Universidade Federal do Pará

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
ISSN 2177-3688

GT 11 – Informação & Saúde

DESASTRES E EMERGÊNCIA NO ÂMBITO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA: PANORAMA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

DISASTERS AND EMERGENCIES IN THE SCOPE OF BRAZILIAN INFORMATION SCIENCE: AN OVERVIEW OF SCIENTIFIC PRODUCTION

Débora Crystina Dias Reis – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Ana Paula Meneses Alves – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O objetivo deste trabalho é traçar um panorama da produção científica sobre desastres e emergências no campo da Ciência da Informação do Brasil. Para tanto, conduziu-se uma pesquisa bibliográfica de cunho quanti-qualitativo na Base de Dados em Ciência da Informação e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, com os termos "desastre", "emergência" e "crise". A análise combinou métricas quantitativas e análise de conteúdo. Foram examinados 159 trabalhos, publicados entre 1999 e 2026, com forte concentração no triênio de 2020 a 2022. Os principais veículos foram periódicos da área da saúde, como a RECIIS, a Liinc em Revista e a Asklepion: Informação em Saúde e eventos acadêmicos, como o ENANCIB e o Fórum de Estudos em Informação, Ciência e Sociedade. Quanto aos tipos de desastre, predominaram os sanitários e biológicos, seguidos dos hidrológicos e dos tecnológicos. Os conteúdos foram organizados em onze categorias: desinformação e infodemia; serviços e atuação profissional; comunicação pública e narrativas midiáticas; comunicação científica; gestão de riscos e emergências em unidades de informação; sistemas e tecnologias da informação; comunicação e disseminação da informação; gestão e organização da informação e do conhecimento; regimes e políticas de informação; competência e mediação da informação; e outros temas limítrofes à Ciência da Informação. Essa diversidade de abordagens sinaliza o potencial da área para contribuições mais sistemáticas e propositivas. Conclui-se que o campo carece de consolidação teórica e metodológica sobre o tema, bem como de pesquisas que antecipem cenários de risco e orientem políticas e práticas informacionais de prevenção e resposta a desastres.

Palavras-chave: desastres; emergências; crises; Ciência da Informação; Brasil.

Abstract: This study aims to outline an overview of the scientific production on disasters and emergencies in the field of Information Science, with an emphasis on Brazil. To this end, a quantitative-qualitative bibliographic survey was conducted in the Information Science Database (BRAPCI) and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD), using the terms "disaster," "emergency," and "crisis." The analysis combined quantitative metrics and content analysis. A total of 159 works, published between 1999 and 2026, were examined, with a strong concentration between 2020 and 2022. The main outlets were health-related journals — such as RECIIS, Liinc em Revista, and Asklepion: Informação em Saúde — and academic events, such as ENANCIB and the Forum on Studies in Information, Science, and Society. Regarding disaster types, health-related and biological disasters predominated, followed by hydrological and technological ones. The contents were organized into eleven categories: disinformation and infodemic; professional services and practice; public communication and media narratives; scientific communication; risk and emergency management in information units; information systems and technologies; information communication and dissemination; information and knowledge management and organization; information regimes and policies; information literacy and mediation; and other topics bordering on Information Science. This diversity of approaches signals the field's potential for more systematic and propositional contributions. We conclude that the field lacks theoretical and methodological consolidation on the topic, as well as research that anticipates risk scenarios and informs informational policies and practices for disaster prevention and response.
Keywords: disaster; emergencies; crises; Information Science; Brazil.

1 INTRODUÇÃO

O interesse público sobre crises e desastres de ordem natural ou não, não é recente e muito menos se concentra em determinadas localidades ou tipologias. Desde o início dos anos 2000, com os Objetivos do Milênio (ODM), foram publicadas ou pensadas ações para mitigação e prevenção de desastres, como o Acordo de Hyogo (ONU, 2005) ou o Marco de Sendai (ONU, 2015). Não existe nenhum país considerado totalmente seguro de ocorrência de desastres, no entanto, países em desenvolvimento ou com maiores níveis de vulnerabilidade são por vezes mais afetados ou com maior severidade, conforme exposto por Reis e Alves (2025), que citam os exemplos do Haiti e do Chile que foram afetados por eventos sísmicos nos anos de 2010 e 2011 respectivamente. Em ambos os casos, as respostas foram muito diferentes e a vulnerabilidade presente em cada Estado pode ser considerada uma das questões responsáveis pelas respostas aos eventos catastróficos e/ou emergenciais em cada localidade.

O processo de gestão de um desastre perpassa diferentes momentos, desde o planejamento até a resposta imediata. Entre os processos de gestão de riscos, estão: a

prevenção de riscos futuros, a redução dos riscos existentes, preparação de respostas; respostas aos desastres e reabilitação das condições de vida; recuperação e reconstrução das comunidades (ONU, 2015).

No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, há discussões e reflexões acerca da atuação nesses contextos, no entanto, há uma predominância na literatura de eventos ocorridos no cenário internacional, como por exemplo, nos Estados Unidos, citando diversos furacões do Golfo do México (Jaeger *et al*., 2006) e o Furacão Katrina (Patin, 2015) e mesmo o caso de 11 de setembro de 2001 (Volesko, 2001), entre outros e no contexto latino-americano o caso do Chile (Celedón *et al*., 2012).

Com base nessas observações, questiona-se "como se caracteriza a produção científica brasileira em Ciência da Informação sobre desastres e emergências?", portanto, o objetivo deste trabalho é traçar um panorama da produção científica sobre a temática de desastres e emergências no campo da Ciência da Informação brasileira, com o intuito de entender como o campo se posiciona em relação a esses eventos. A seguir, discorre-se sobre os aspectos teóricos que direcionam essa abordagem.

2 SOBRE DESASTRES NO BRASIL E NO MUNDO

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) existem duas características inerentes ao desastre natural[1] - e que podem ser combinadas ou não-, a primeira delas é a interrupção do funcionamento de uma comunidade, afetando seu cotidiano, que envolve simultaneamente prejuízos e danos materiais, sociais e econômicos imediatos ou decorrentes do evento; já a segunda característica está na resposta ao evento, que necessariamente excede a capacidade da comunidade afetada, necessitando de auxílios externos. Além disso, segundo a OPAS, é necessária a combinação de diversos fatores para a constituição do desastre: ameaças, exposição, condições de vulnerabilidade, insuficiência da capacidade de resposta ou medidas para redução das consequências e potenciais de riscos (OPAS, 2014).

Tomada em conjunto, essa caracterização indica que o desastre não se define pela magnitude do fenômeno, mas pela ruptura entre o impacto e a capacidade de a comunidade responder a ele — capacidade que depende, entre outros fatores, da disponibilidade e da circulação de informação confiável nos momentos de prevenção, resposta e recuperação.

[1] E ao nosso ver, também podem ser expandidas aos desastres tecnológicos/induzidos.

Reconhecer o desastre como uma falha de capacidade, e não apenas como um evento, é o que sustenta tanto os arranjos institucionais de proteção e defesa civil quanto o interesse da Ciência da Informação pelo tema.

No Brasil, há uma estrutura pensada em todas as fases relacionadas aos desastres, desde a prevenção até a resposta. Essas instituições, inicialmente ligadas à saúde, foram se consolidando em um sistema completo de proteção e defesa civil, especialmente após a aprovação da Política Nacional de Proteção e Defesa Civil por meio da Lei nº 12.608/2012 (Reis, Alves, 2025). Nesse arranjo, a Instrução Normativa nº 01, de 24 de agosto de 2012, do então Ministério da Integração Nacional, instituiu a Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (COBRADE), adotada pela Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil (SEDEC) e construída a partir da base internacional EM-DAT, que apresenta a natureza, os grupos e subgrupos, assim como tipos e subtipos, definições e simbologia dos desastres no país.

Segundo essa classificação, os desastres podem ser divididos em dois grupos: 1) os desastres naturais, ou provocados por agentes da natureza, que podem ser separados em grupos: geológicos (terremotos, emanação vulcânica, movimento de massa, erosão); hidrológicos (inundação, enxurradas, alagamentos); meteorológicos (sistemas de grande escala, tempestades, temperaturas extremas); climatológicos (seca); biológicos (epidemias, infestações/pragas) e 2) desastres tecnológicos ou induzidos pelos seres humanos, que se relacionam a um único grupo, provindo de substâncias radioativas, produtos perigosos, incêndios urbanos, obras civis, transporte de passageiros e cargas não perigosas entre outros (Brasil, 2012).

Antes da COBRADE, a Política Nacional de Defesa Civil classificava os desastres quanto à intensidade, isto é, quanto aos danos causados. Conforme sistematiza Saito (2008), essa escala variava do nível I ao nível IV, em que o nível I é referente a prejuízos mais fáceis de serem superáveis pelas comunidades afetadas, enquanto o nível IV é o mais grave considerando que a comunidade não consegue por si só superar e depende de uma mobilização de todos os níveis do Sistema Nacional de Defesa Civil e outras instituições. Os desastres também podem ser classificados pela forma de evolução, a partir dos eventos que sucederam: soma de eventos parciais; graduais ou evolução crônica e súbitos ou de evolução aguda. Por fim, Saito (2008) também aponta que os desastres podem ser classificados pelo prejuízo em relação ao Produto Interno Bruto (PIB), do nível I, com prejuízo de até 5% do PIB, ao nível IV, superior a 30%. Cabe

registrar que essa escala de quatro níveis foi substituída pela Instrução Normativa nº 01/2012, que passou a classificar a intensidade em apenas dois níveis — o nível I enseja a decretação de situação de emergência e o nível II, a de estado de calamidade pública.

No Brasil, segundo Oliver, Santana e Ribeiro (2024), a partir dos dados do Atlas Digital de Desastres no Brasil, os desastres com maior número de ocorrências se deram por Estiagem e Seca (12.172), seguido de Chuvas Intensas (3.448) e Inundações (1.401), no entanto, quando analisadas as pessoas afetadas (óbito ou desabrigados e desalojados) os eventos hidrológicos superam qualquer um dos outros tipos de desastres.

2.1 SOBRE A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO EM RELAÇÃO AOS DESASTRES

No campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação, o tema tem sido explorado em diferentes frentes, como unidades informacionais atuando de forma a auxiliar na construção da resiliência da comunidade (Laurian; Doyle; Vamanu; Logsden, 2024; Patin, 2021; Patin, 2015), em relação ao auxílio na criação e gerenciamento de riscos em unidades de informação (Buchanan, 1998; New Jersey State Library, s.d.) e mesmo em diferentes tipologias de unidades de informação, como em bibliotecas públicas (Laurian; Doyle; Vamanu; Logsden, 2024; Will, 2001) ou em bibliotecas especializadas (Featherstone; Lyon; Ruffin, 2008; McKnight, 2006). Reis e Alves (2025) apontam que as bibliotecas especializadas em saúde são diversas vezes acionadas e atuam de diferentes formas, internamente auxiliando as equipes a receberem pessoas atingidas ou externamente, em contato com a comunidade.

Em nível institucional, a *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) conta com um subgrupo/grupo de interesse dedicado a discutir sobre desastres e a sua interlocução com a saúde, o *Evidence for Global and Disaster Health Special Interest Group* (E4GDH). A IFLA, por meio desse grupo, advoga que as bibliotecas são “nós” importantes para a redução dos impactos de desastres, em especial, as bibliotecas especializadas em saúde, que contam com expertise em coleta, organização, assessoramento e desenvolvimento de informações com diferentes atores.

Outro ponto levantado pela IFLA é a possibilidade de bibliotecas serem centros comunitários de referência para os cidadãos nos primeiros momentos após um desastre, fornecendo energia, acesso à internet (IFLA, 2018), o que corrobora os achados de Laurian, Doyle, Vamanu e Logsden (2024), que evidenciam as bibliotecas públicas como abrigos em

diversos desastres, além de auxiliar na procura de informações pertinentes como localizar um parente ou mesmo solicitar auxílio financeiro.

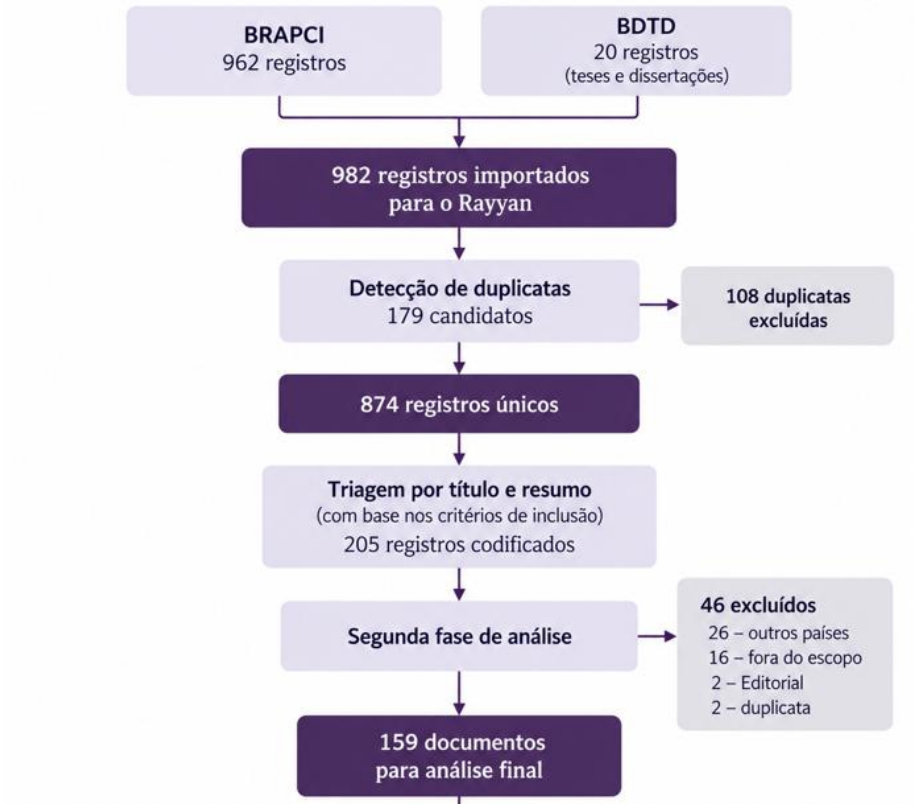
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho pode ser caracterizado como descritivo e exploratório, de cunho quanti-qualitativo e adota uma pesquisa bibliográfica enquanto método de coleta de dados, para análise dos dados utilizou-se a análise de conteúdo. A pesquisa foi realizada em 3 etapas.

A primeira etapa da pesquisa foi o levantamento do *corpus* a ser analisado. Para tanto, realizou-se uma pesquisa nas seguintes bases de dados: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), com os termos “desastre”, “emergência” e “crise”. Adotaram-se como filtros, na BDTD: pós-graduação em Ciência da Informação, Engenharia da Informação, Informática e Gestão do Conhecimento, Ciência, Tecnologia e Sociedade. Cabe esclarecer que os termos “emergência” e “crise” foram empregados como termos de busca, para ampliar a recuperação nas bases consultadas, e não como conceitos distintos de “desastre”. Em nenhuma das bases de dados foram utilizados filtros como língua e data, mas o período da busca foi de sem data inicial -2026. Todos os resultados foram exportados para o *software* de gestão de revisões e referências *Rayyan*.

Os critérios de inclusão foram: o objetivo ou objeto do trabalho ser relacionado a desastres (naturais, tecnológicos ou induzidos pelo ser humano) e estar no campo da Ciência da Informação, além do acesso ao texto completo, o tema ser brasileiro ou a afiliação dos autores ser de instituições brasileiras. Por sua vez, os critérios de exclusão abarcaram a não abordagem de nenhuma tipologia de desastre ou crise, não estar no campo ou não ter acesso ao texto completo ou ser publicação restrita. Foram recuperados documentos que compartilham o mesmo objeto, previsível pela escolha das bases, que constituem artigo(s) e os trabalhos apresentados às Pós-Graduações, a decisão por manter ambos, foi baseada na escolha de constituírem documentos autônomos e de certa forma, complementares. Dessa forma, chegou-se ao fluxo de seleção e decisões metodológicas representadas na Figura 1, abaixo.

Figura 1 - Fluxo de decisão dos trabalhos analisados



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Para a análise de conteúdo foram elaboradas categorias a *posteriori* da coleta de dados, conforme detalhes na seção seguinte.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

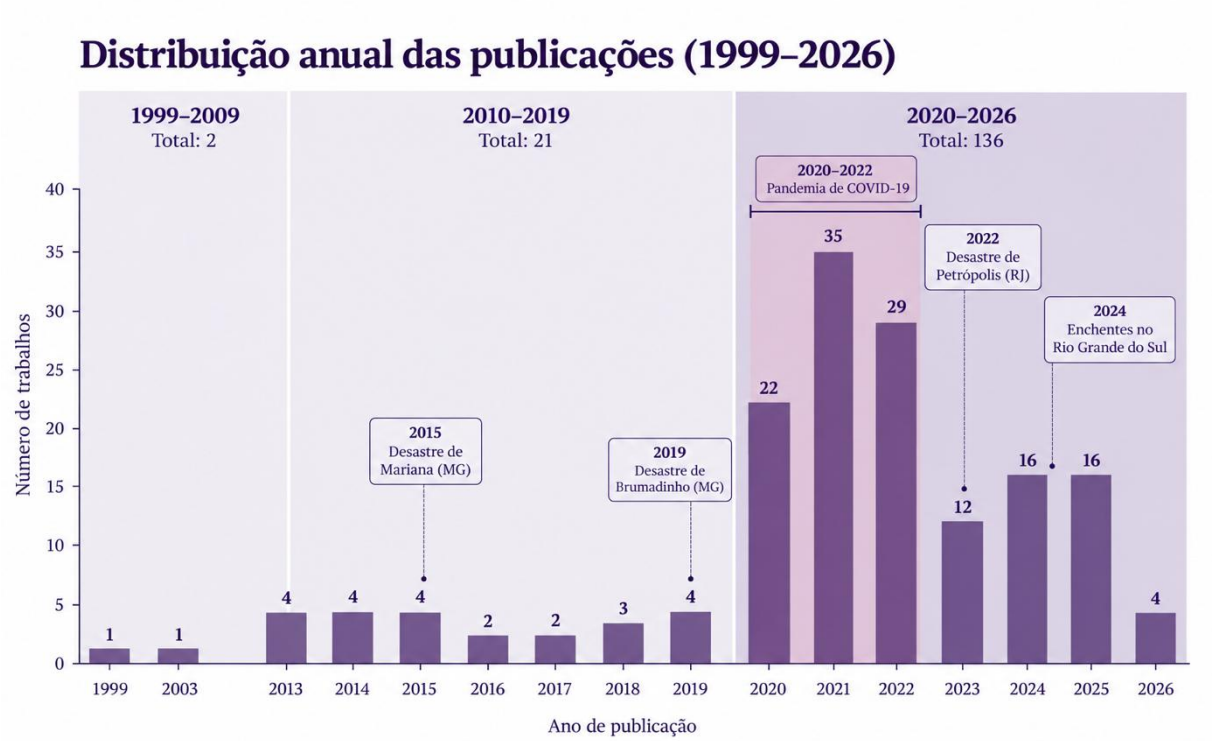
Foram importados 982 registros para o Rayyan, sendo 962 provenientes da BRAPCI e 20 trabalhos entre teses e dissertações da BDTD, foram excluídas 108 duplicatas, resultando em 874 registros únicos. Após a triagem por título e resumo, com base nos critérios de inclusão, procedeu-se à leitura completa de 205 registros.

Na segunda fase de análise foram excluídos 46 trabalhos, sendo 26 pelo objeto de pesquisa ser explicitamente outros países, 16 fora do escopo, 2 por serem “Editorial” e 2 por duplicata, portanto, encaminhando para a análise final 159 documentos, sendo 126 artigos de periódico, 21 trabalhos publicados em anais de evento, 8 dissertações, 2 teses e 2 registros de pós-graduação sem tipologia explícita na base.

Os anos referentes às produções são distribuídos entre os anos de 1999 e 2026, com uma explosão de resultados entre os anos de 2020 e 2022, com o pico em 2021 com 35 trabalhos e a partir de 2023 um recuo e estabilização até 2025, com 12, 16 e 16 trabalhos e com 4

produções já referentes a 2026. Há um ligeiro aumento no número das produções nos anos de 2013, 2014, 2015, 2018 e 2019, importante destacar que nestes anos ocorreram crises e desastres de repercussão nacional, tais como, os desastres de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), Petrópolis (2022) e as enchentes do Rio Grande do Sul (2024), conforme aponta a Figura 2. No entanto, não se pode afirmar que há uma relação causal, mas podemos observar uma coincidência temporal entre esses eventos e o maior número de publicações.

Figura 2 - Relação ano x número de publicação

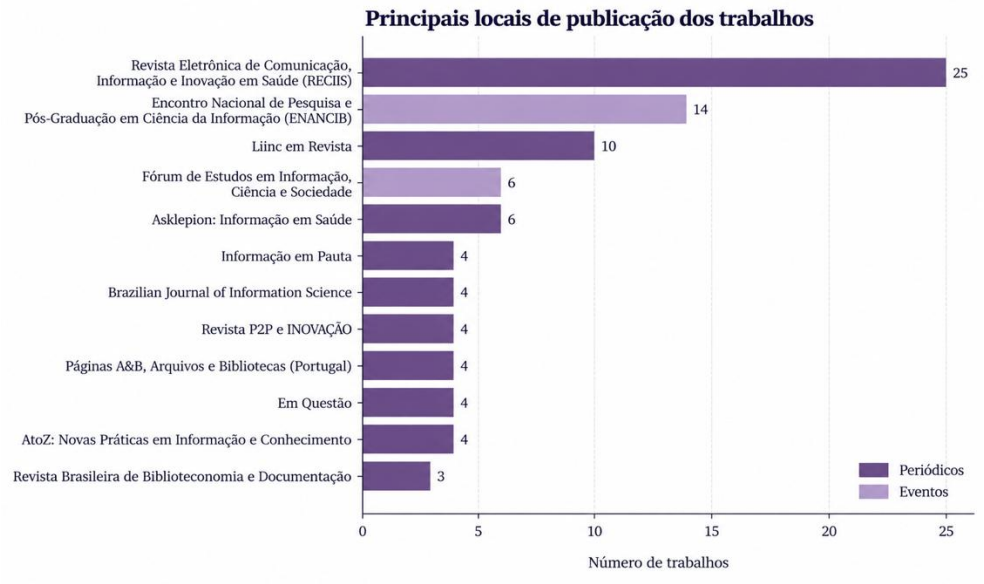


Fonte: dados da pesquisa (2026).

O meio de publicação dos trabalhos se concentra em Periódicos e Eventos, sendo o de maior expressão a Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde (RECIIS) com 25 trabalhos recuperados, seguida do Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB), que aparece em segundo lugar com 14 trabalhos publicados em seus anais. Na sequência aparecem as revistas científicas Liinc em Revista (10) e Asklepion: Informação em Saúde (6). Várias revistas aparecem com trabalhos entre 1 e 4 ocorrências, conforme a Figura 3, abaixo. Registra-se ainda a publicação em periódicos de outros países, a saber: Biblios (Peru) (1), Cadernos BAD (Portugal) (1), Páginas A&B, Arquivos e Bibliotecas (Portugal) (4), *Investigacion Bibliotecologica* (México), Revista Cubana de Informacion em

Ciencias de la Salud (Cuba) (3), entre outras. Além do ENANCIB, outro evento recorrente como espaço de publicação sobre a temática é o "Fórum de Estudos em Informação, Ciência e Sociedade" com 6 trabalhos.

Figura 3 - Local de publicação dos trabalhos analisados



Fonte: dados da pesquisa (2026).

Sobre a natureza dos eventos, os trabalhos se concentraram em biológicos ou sanitários (100), seguidos dos hidrológicos (13), dos tecnológicos ou induzidos pelo ser humano (9), daqueles que tratam da crise socioambiental e climática de forma ampla (5) e dos climatológicos (2). Dos 159 trabalhos recuperados, 30 deles não falavam de um evento em específico, mas estudavam a temática.

A categoria socioambiental e climática foi incluída por se entender que estes trabalhos não se focam em apenas um tipo de desastre e reposicionam essa crise como não apenas induzida pelo ser humano, mas também sistêmica, que foi produzida pelos modelos contemporâneos de desenvolvimento e intensificada pela exploração dos recursos naturais. Seus efeitos atuam como multiplicadores de ameaças, ampliando vulnerabilidades preexistentes e desencadeando desastres ambientais, sociais, econômicos, sanitários e informacionais. Nessa perspectiva, a crise climática pode ser compreendida como um risco global produzido socialmente e caracterizado por sua capacidade de gerar crises interdependentes em múltiplas escalas (Beck, 2011; IPCC, 2023; UNDRR, 2022).

Esses dados corroboram o exposto por Oliver, Santana e Ribeiro (2024), que afirmam que, no Brasil, a maior expressão é por desastres de tipo naturais e concentrados nos

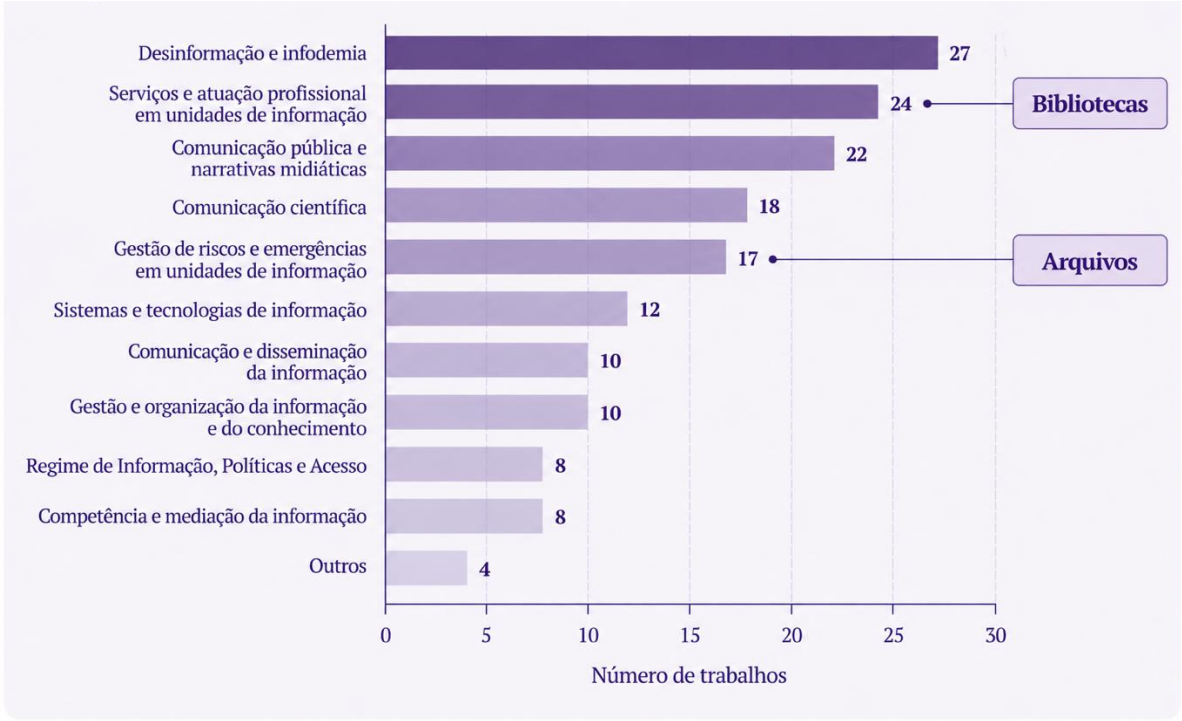
hidrológicos (inundações) e climatológicos (chuvas intensas e inundações). Importante ressaltar que aqueles categorizados como desastres biológicos (pandemia/epidemia) não se referem apenas à pandemia de COVID-19, incluindo também pesquisas sobre Zika (Araujo; Silva; Guimarães, 2016) e dengue (Villela, 2016).

Entre os 115 trabalhos que tratam de eventos naturais, 100 abordam eventos biológicos, 13 hidrológicos e 2 climatológicos; não há registro de trabalhos sobre eventos geológicos, como deslizamentos e movimentos de massa, nem sobre eventos meteorológicos, como tempestades, vendavais e granizo, o que evidencia a assimetria entre as pesquisas realizadas na Ciência da Informação e a realidade evidenciada por Oliver, Santana e Ribeiro (2024) de eventos hidrológicos e climatológicos serem os mais frequentes nacionalmente. Dos cinco grupos de desastres naturais previstos na classificação, a produção recuperada contempla apenas três. Entre os eventos tecnológicos, os 9 trabalhos se repartem em obras civis (6), substâncias radioativas (2) e produtos perigosos (1). Vale a ressalva de que as duas distribuições têm unidades distintas — ocorrências de desastre e trabalhos publicados —, sendo comparáveis como perfis e não como grandezas.

Os trabalhos provenientes da BDTD foram concentrados em oito dissertações e duas teses, divididos entre diferentes instituições, mas com uma concentração de quatro trabalhos (três dissertações e uma tese) na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mas há a presença das Universidades Federais do Espírito Santo (UFES), de Pernambuco (UFPE), de Minas Gerais (UFMG), de São Carlos (UFSCar) e do ABC (UFABC), além da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade de São Paulo (USP).

Em relação aos conteúdos, foram identificadas 11 categorias temáticas: Desinformação, infodemia (27); Serviços e atuação profissional em unidades de informação (24); Comunicação Pública e Narrativas midiáticas (22); Comunicação científica (18); Gestão de riscos e emergências em unidades de informação (17); Sistemas e tecnologias de informação (12); Comunicação e disseminação da informação e Gestão e organização da informação e do conhecimento com 10 ocorrências em cada; Competência e mediação da informação (8); Regime de Informação, Políticas e Acesso (7) e Outros temas limítrofes à Ciência da Informação (4), conforme a Figura 4 abaixo ilustra.

Figura 4 – Número de artigos nas categorias temáticas analisadas



Fonte: dados da pesquisa (2026).

A partir desses dados, destacam-se algumas questões. A primeira é a maior produção a partir da pandemia, com 97 (61%) trabalhos com o recorte explícito sendo a COVID-19, há uma distribuição entre os anos a partir do ano de 2020, ano de início da pandemia até o ano de 2026, com concentração maior no triênio de 2020-2022, que reúne 68 deles (43% do corpus) e 86 trabalhos no total (54%). Há uma queda após 2022, ainda que se mantenha certa constância na publicação de trabalhos sobre a temática pandêmica até o ano atual (2026), indicando possivelmente estudos retrospectivos sobre o período.

Os dados sugerem um interesse crescente da área da Ciência da Informação pela temática, ainda que se observe uma produção *a posteriori* de determinados eventos, isto é, muitos trabalhos têm como temática uma análise após determinado acontecimento.

Nas teses e dissertações, a produção também se concentra em determinadas categorias temáticas, sendo as principais a de Gestão de riscos e emergências em unidades de informação (4), Comunicação pública e narrativas midiáticas (3), Comunicação e disseminação da informação (2), já as categorias de Serviços e atuação profissional, Sistemas e tecnologias da informação e Competência e Mediação da Informação constam com um trabalho cada.

Dos 159 trabalhos analisados, 104 deles (65,4%) não citam ou não têm nenhuma unidade de informação como objeto de investigação, em 55 (34,6%) deles foi possível relacionar

a alguma unidade de informação específica, sendo as mais citadas bibliotecas (24) e arquivos (12), seguidas dos trabalhos que abordam múltiplas unidades (6), museus (2) e unidades de informação em geral, sem lócus definido (11); a distribuição entre as categorias também difere: enquanto as bibliotecas têm presença mais expressiva na categoria de serviços e atuação profissional, os arquivos aparecem de forma mais evidente na categoria de gestão de riscos e emergências em unidades de informação. A distribuição, em relação às bibliotecas, converge com a posição da IFLA (2018), que situa as bibliotecas como nós locais de redução de impactos e de construção de resiliência comunitária, ainda que na produção brasileira essa função apareça mais como constatação do que como objeto de proposição.

Os 104 trabalhos sem unidade de informação identificada distribuem-se por 9 das 11 categorias temáticas. As duas ausentes são justamente as de serviços e atuação profissional e gestão de riscos e emergências em unidades de informação: todos os trabalhos nelas classificados tomam uma unidade como referência, o que indica temas necessariamente ancorados em relatos de experiência ou em situações institucionais específicas. A concentração daqueles sem unidade específica ocorre em desinformação e infodemia (23), comunicação pública e narrativas midiáticas (21), comunicação científica (17), sistemas e tecnologias da informação (12) e comunicação e disseminação da informação (10).

A presença expressiva dos trabalhos em periódicos com escopo voltado à saúde pode ser compreendida a partir de dois fatores combinados. O primeiro diz respeito à própria natureza da temática: Reis e Alves (2025) apontam que a saúde é uma dimensão fundamental e transversal a ser considerada na análise de desastres, uma vez que qualquer evento impacta diretamente as condições de saúde das comunidades atingidas, de forma imediata ou longitudinal. O segundo fator está relacionado a predominância de trabalhos sobre a pandemia de coronavírus, que tende a direcionar as publicações para periódicos com esse escopo. No entanto, é importante destacar que a relação entre desastres, emergências e Biblioteconomia e Ciência da Informação não se restringe ao campo da saúde, sendo igualmente relevante em outros contextos e escopos temáticos, o que aponta para o potencial de ampliação dessa discussão em diferentes espaços de publicação.

Mesmo com um eixo dedicado a estudar os regimes de informação, todos os trabalhos permitem problematizar a informação como um todo e em toda cadeia de produção, disseminação, organização. Considerando os trabalhos recuperados, a produção brasileira tem

privilegiado a informação em circulação em detrimento das condições de produção e dos públicos específicos a que se destina, deixando de fora questionamentos válidos e importantes em contexto de emergências como a produção da informação e todas as problemáticas envolvidas, a informação propriamente dita e as motivações ou objetivos por trás de tais informações em detrimento de outras.

Chama atenção, ainda, a assimetria entre os tipos de unidade de informação investigados. As bibliotecas concentram o dobro de trabalhos dedicados aos arquivos, ainda que ambos estejam expostos a situações de desastre. A preferência da literatura pela biblioteca sugere que o debate tem sido conduzido a partir da função de atendimento ao público e de combate à desinformação, em detrimento das funções de custódia e preservação — o que converge com a predominância dos eixos de desinformação e comunicação observada anteriormente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou traçar um panorama inicial da produção científica acerca da temática de desastres e emergências no contexto do campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação brasileira, para tanto, utilizou métodos de levantamento bibliográfico em duas bases de dados: BRAPCI e BDTD, sem filtros de língua ou data e após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão previamente definidos, resultando na análise de 159 documentos.

A temática teve um pico durante a pandemia de COVID-19, a partir de 2020, embora já houvesse trabalhos sobre o assunto em anos anteriores. Após 2021, ano de maior número de publicações, a produção diminuiu, mas manteve certa constância. Observou-se ainda uma coincidência temporal entre a ocorrência de desastres de repercussão nacional e o aumento do número de publicações nos anos subsequentes.

As publicações se concentram em periódicos científicos principalmente voltados à saúde. Entre os eventos, destacam-se o Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) e o “Fórum de Estudos em Informação, Ciência e Sociedade”. Registra-se também a circulação da produção brasileira em periódicos estrangeiros de língua portuguesa e espanhola.

Em relação aos desastres ou emergências tratados nos trabalhos, houve a forte concentração em desastres biológicos que inverte o perfil dos desastres recorrentes no país, sendo os mais recorrentes os de natureza climatológica e hidrológica. Já em relação aos eventos

de características tecnológicas, estes foram menos abordados. Foram identificadas, a partir dos conteúdos, 11 categorias temáticas, com maior concentração em desinformação e infodemia, serviços e atuação profissional em unidades de informação e comunicação pública e narrativas midiáticas. Identificou-se, ainda, que áreas como a Biblioteconomia e a Arquivologia concentram-se em determinados conteúdos, a Biblioteconomia em serviços e atuação profissional e a Arquivologia se debruça com maior afinco em trabalhos sobre gestão de riscos e emergências nas unidades.

Reconhecem-se as limitações do panorama aqui apresentado, como, por exemplo, o escopo predominantemente delimitado pela BRAPCI, ficando fora do alcance do levantamento a produção não indexada nessa base, em especial trabalhos de eventos e capítulos de livro. A partir deste protocolo serão construídas pesquisas complementares com o objetivo de identificar questões relacionadas a essa temática em nível global. Futuramente, pretende-se também analisar as metodologias empregadas em cada trabalho, como forma de identificar de que forma a área tem realizado essas pesquisas. Além disso, pretende-se analisar com maior atenção as propostas de atuação vinculadas as unidades de informação recuperadas.

Para além das limitações do levantamento, o panorama permite apontar lacunas na própria produção do campo. A primeira é territorial: os trabalhos raramente explicitam que recorte regional brasileiro examinam, o que impede verificar se a produção acompanha a distribuição dos desastres no país — ausência particularmente significativa diante da concentração de eventos extremos no Nordeste e na Amazônia. A segunda é temática: a comunicação de risco, voltada à prevenção e distinta da comunicação de crise que se estabelece durante o evento, permanece pouco explorada, o mesmo valendo para o uso de tecnologias de inteligência artificial em contextos de emergência. A terceira é metodológica: predominam estudos documentais e de revisão, com escassez de pesquisas empíricas e longitudinais capazes de acompanhar a atuação das unidades de informação ao longo das diferentes fases do ciclo do desastre. Em conjunto, essas ausências delineiam uma agenda na qual a Ciência da Informação brasileira pode articular-se de modo mais consistente ao campo da redução de riscos de desastres.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Kizi Mendonça de; SILVA, Cícera Henrique da; GUIMARÃES, Maria Cristina Soares. Produção científica e doenças emergentes: o caso da zika. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE

PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais** [...]. Salvador: UFBA, 2016. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/190001. Acesso em: 12 set. 2026.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco**: rumo a uma outra modernidade. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Instrução Normativa nº 1, de 24 de agosto de 2012. Estabelece procedimentos e critérios para a decretação de situação de emergência ou estado de calamidade pública e institui a Classificação e Codificação Brasileira de Desastres (COBRADE). **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 30 ago. 2012. Disponível em: https://www.defesacivil.se.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/instru%C3%A7%C3%A3o_normativa_n%C2%BA_01_de_24_de_agosto_de_2012-2.pdf. Acesso em: 10 set. 2026.

BUCHANAN, Sally. **Disaster planning**: preparedness and recovery for libraries and archives. Paris: UNESCO, 1998. Disponível em: https://archive.org/details/disasterplanning00buch/page/n2/mode/1up. Acesso em: 12 set. 2026.

CELEDÓN, Angélica *et al*. **El rol de los telecentros y bibliotecas en situación de catástrofe**: el caso chileno. Seattle: Technology & Social Change Group, 2012. Disponível em: https://digital.lib.washington.edu/server/api/core/bitstreams/707435b5-f1ed-48c3-a609-cdc2e2e2b66a/content. Acesso em: 12 set. 2026.

FEATHERSTONE, Robin M.; LYON, Becky J.; RUFFIN, Angela B. Library roles in disaster response: an oral history project by the National Library of Medicine. **Journal of the Medical Library Association**, Chicago, v. 96, n. 4, 2008. Disponível em: https://pmc.ncbi.nlm.nih.gov/articles/PMC2568836/. Acesso em: 12 set. 2026.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Climate change 2023**: synthesis report. Geneva: IPCC, 2023. Disponível em: https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/. Acesso em: 12 set. 2026.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Disaster risk response**: libraries and the Sendai framework: a briefing. [*S. l.*]: IFLA, 2018. Disponível em: https://repository.ifla.org/items/54c51118-7602-4102-b139-6079c095b0ee/full. Acesso em: 12 set. 2026.

JAEGER, Paul T. *et al*. The 2004 and 2005 Gulf Coast hurricanes: evolving roles and lessons learned for public libraries in disaster preparedness and community services. **Public Library Quarterly**, [*s. l.*], v. 25, n. 3-4, 2006. DOI: https://doi.org/10.1300/J118v25n03_17. Acesso em: 21 out. 2026.

LAURIAN, Lucie; DOYLE, Evan; VAMANU, Iulian; LOGSDEN, Kara. Libraries are resilience hubs: evidence from the Midwest. **Journal of the American Planning Association**, [*s. l.*], v. 91, n. 1, 2024. DOI: https://doi.org/10.1080/01944363.2024.2343670. Acesso em: 21 out. 2026.

MCKNIGHT, Michellyn. Health sciences librarians' reference services during a disaster: more than collection protection. **Medical Reference Services Quarterly**, [*s. l.*], v. 25, n. 3, 2006. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16893843/. Acesso em: 12 set. 2026.

NEW JERSEY STATE LIBRARY. **The librarian's disaster planning and community resiliency guidebook**: librarians fulfilling their role as information first responders. [S. l.]: New Jersey State Library, [s. d.]. Disponível em: https://hazards.colorado.edu/uploads/freeform/The-Librarian-Guidebook-July-21-Final.pdf. Acesso em: 21 out. 2026.

OLIVER, Sofia Lizarralde; SANTANA, Keila Valente de Souza de; RIBEIRO, Helena. Desastres naturais e saúde: uma revisão sistematizada de literatura. **Revista Hygeia**, Uberlândia, ed. esp., 2024. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/hygeia/article/view/73364/38750. Acesso em: 12 set. 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Marco de Ação de Hyogo 2005-2015**: aumento da resiliência das nações e das comunidades frente aos desastres. Kobe: EIRD/ONU, 2005. Disponível em: https://www.defesacivil.pr.gov.br/sites/defesa-civil/arquivos_restritos/files/documento/2018-12/MarcodeHyogoPortugues20052015.pdf. Acesso em: 12 set. 2026.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Marco de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030**. Sendai: ONU, 2015. Documento A/CONF.224/L.2. Versão em português não oficial. Disponível em: https://educacao.cemaden.gov.br/midiateca/marco-de-sendai-para-a-reducao-do-risco-de-desastre-2015-2030/. Acesso em: 12 set. 2026.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Desastres naturais e saúde no Brasil**. Brasília, DF: OPAS: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://iris.paho.org/server/api/core/bitstreams/2b33b921-dbfa-48c2-9b55-05cfb7470176/content. Acesso em: 12 set. 2026.

PATIN, Beth. (Before Covid): how libraries build community resilience throughout disasters through roles and services. *In*: ASSOCIATION FOR LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE EDUCATION CONFERENCE, 2021, [*s. l.*]. **Proceedings** [...]. [*S. l.*]: Association for Library and Information Science Education Conference, 2021. Disponível em: https://www.ideals.illinois.edu/items/118794. Acesso em: 12 set. 2026.

PATIN, Beth. Through Hell and High Water: a librarian's autoethnography of community resilience after Hurricane Katrina. **MediaTropes eJournal**, [*s. l.*], v. 5, n. 2, p. 58-83, 2015. Disponível em: https://mediatropes.com/index.php/Mediatropes/article/view/26419. Acesso em: 12 set. 2026.

REIS, Débora Crystina Dias; ALVES, Ana Paula Meneses. Bibliotecas em momentos de crises e desastres: uma discussão inicial sobre atuação profissional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2025, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: IBICT, 2025. Disponível em: https://enancib.ancib.org/enancib/pt_BR/article/view/729/743. Acesso em: 12 set. 2026.

SAITO, Silvia M. **Desastres naturais**: conceitos básicos. São José dos Campos: INPE, [ca. 2008]. Apresentação em slides. Disponível em: https://www3.inpe.br/crs/crectealc/pdf/silvia_saito.pdf. Acesso em: 12 set. 2026.

UNITED NATIONS OFFICE FOR DISASTER RISK REDUCTION. **Global assessment report on disaster risk reduction 2022**. Geneva: UNDRR, 2022. Disponível em: https://www.undrr.org/gar/gar2022-our-world-risk-gar. Acesso em: 12 set. 2026.

VILLELA, Edlaine Faria de Moura. Comunicação de risco versus comunicação de crise na saúde pública: o discurso das autoridades diante de uma epidemia de dengue. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, 2016. Disponível em: https://brapci.inf.br/v/130860. Acesso em: 12 set. 2026.

VOLESKO, Michele Mary. It wasn't raining when Noah built the ark: disaster preparedness for hospitals and medical librarians post September 11. **Internet Reference Services Quarterly**, [S. l.], v. 6, n. 3-4, 2001. DOI: https://doi.org/10.1300/J136v06n03_08. Acesso em: 21 out. 2026.

WILL, Barbara H. The public library as community crisis center. **Library Journal**, Harlan, IA, v. 126, n. 20, p. 75-77, 2001. Disponível em: https://eric.ed.gov/?id=EJ645584. Acesso em: 12 set. 2026.